

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

30

**CRISTO
VOLTARÁ
EM BREVE?**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 30

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

**CRISTO
VOLTARÁ EM BREVE?**

PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 15-V-1959.

Título do original inglês: Will Christ soon Return?
Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.

Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

<http://www.obrascaticas.com>

CRISTO VOLTARÁ EM BREVE?

Não há pessoa pensante que não tenha ficado profundamente impressionada e conturbada ao pensamento da destruição sem precedente que se tornou possível pela invenção, primeiramente, da bomba atômica, e, depois, da bomba de hidrogênio. E, como se estas não fôssem bastantes, temos a certeza, ainda mais conturbadora, de que arma de guerra ainda mais temível pode ser construída com sucesso na forma da bomba de cobalto.

Humanamente falando, nunca houve tempo em que a civilização parecesse tão perto da dissolução, e em que parecesse tão incerto o destino da própria raça humana. Na sua Mensagem de Natal do ano de 1954, o Papa Pio XII deu expressão aos temores de todos quando disse que o mundo terrificado está à mercê de novas armas destrutivas “capazes de causarem a destruição total de toda a vida animal e vegetal, e de todas as obras do homem em vastas regiões”.

Sob tais circunstâncias, não é fora do natural que as mentes de muitos cristãos voltem novamente a pensamentos da Segunda Vinda de Cristo em toda a sua majestade e glória, para julgar os vivos e os mortos, e que eles se perguntem se o fim do mundo não está realmente para ter lugar em futuro mui próximo.

Houve mesmo quem dissesse que o próprio S. Pedro devia ter tido em mente as bombas atômicas e de hidrogênio quando escreveu: “Mas o dia do Senhor virá como um ladrão, dia no qual os céus passarão

com grande violência, e os elementos se fundirão pelo calor, e a terra e as obras que nela estão serão incendiadas” (2 Ped 3, 10). Bem se pode compreender o influxo de tais palavras nas imaginações das pessoas cujas mentes ficaram cheias de descrições, em termos quase idênticos, de tudo o que é de esperar que produzam as bombas atômica, de hidrogênio e de cobalto.

Mas, onde quer que a Sagrada Escritura entre em causa, devemos ter o cuidado de não tomar no seu valor nominal cada expressão que nela achamos. Sem dúvida, mesmo que a passagem da epístola de S. Pedro fôsse tomada ao pé da letra, os céus e os elementos do universo inteiro, inclusive tôdas as estrêlas tantos milhões de milhas longe de nós, não poderiam ser destruídos por quaisquer bombas feitas pelo homem, por mais desastrosos que pudessem ser sobre êste pequeno planêta os efeitos de tais bombas. Contudo, mesmo se pensarmos somente no nosso pequeno mundo, não há fundamentos para crermos que a descrição da catástrofe final a sobrevir à terra, tal como a conhecemos, deva ser tomada ao pé da letra. O próprio fato de S. Pedro imediatamente dizer que “esperamos por novos céus e por nova terra, segundo as suas promessas, nos quais habite a justiça”, sugere estar êle dando uma descrição apocalíptica, ou visionária e simbólica, de significado essencialmente espiritual. A ilação é que haverá uma tremenda subversão de valores no julgamento final da humanidade por Deus, e uma renovação muito estupenda e misteriosa da criação inteira no fim dos tempos. E isto não tem nada que ver com bombas atômicas ou de hidrogênio!

Contudo, êstes pensamentos suscitam a questão toda da escatologia; e é oportuno, e mesmo necessário, para nós, darmos um balanço na nossa posição, e vermos claramente a que é que, nesta matéria, a nossa Fé cristã nos encaminha.

ESCATOLOGIA

Assim como a biologia quer dizer a ciência da *vida* (grego *bios*), e a teologia a ciência de Deus (grego *theos*), assim também a escatologia quer dizer a ciência daquilo que está para acontecer por *último* (grego *eschatos*).

O Novo Testamento é rico em referências aos “últimos dias”, ao “fim do mundo”, à “consumação dos séculos”, etc.; e a escatologia, portanto, trata dos planos de Deus para o destino último do mundo e do próprio gênero humano.

No tocante a êsses planos, Deus revelou o bastante para todos os fins práticos até onde somos interessados nisso, embora não haja revelado o bastante para satisfazer a nossa curiosidade sôbre todos os assuntos concebíveis. Sempre ficará um elemento de mistério até que os próprios acontecimentos reais tornem claras tôdas as coisas. Do ponto de vista prático, é bastante sabermos que a alma do homem é imortal, e que a cada homem espera ou uma eternidade de felicidade ou uma eternidade de desdita, dependendo a sorte dêle do fato de sair dêste mundo, por ocasião da morte, como amigo de Deus ou como inimigo de Deus. Êstes fatos são as coisas importantes. Detalhes secundários a êles concernentes podem ser deixados a Deus e ao futuro, sem inquietação sôbre a nossa plena compreensão dêles, por mais interessantes que êles possam ser em si mesmos.

Contudo, mesmo não tendo uma indêbita ansiedade a respeito dêles, e mesmo não podendo compreendê-los plenamente, é necessário conhecermos os fatos essenciais que somos obrigados a crer como cristãos a respeito de tudo o que acontecerá no fim dos tempos; e é útil compreendermos, ao menos na medida do possível, tudo o que está por cima dêsses fatos essenciais.

Sobretudo, deveríamos procurar ter conhecimento suficiente para sermos capazes de refutar as asserções fantasistas daqueles que interpretam mal, e mesmo excedem muito, qualquer coisa realmente revelada por Deus e registada nas páginas da Sagrada Escritura.

FIM DO MUNDO

Há cientistas que, ignorando totalmente a revelação divina, têm insistido em que, através da influência de simples fôrças naturais no universo, êste mundo pode vir a um fim. De acôrdo com êles, nós não estamos marchando para nenhum destino misterioso tal como êsse de que os cristãos falam, mas sim para a morte de tôdas as coisas vivas e para a destruição de tôda a ordem e aparente plano no universo.

Falam êles muito eruditamente de entropia, lei física que envolve a dissipação gradual de tôda energia até que ela seja igualmente distribuída por todo o espaço. Em jornais populares e em artigos de revistas êles nos dizem que o universo é como um relógio que vai perdendo a corda, e no qual nunca será possível dar corda outra vez.

No seu livro "Misticismo e Lógica", p. 47 ss., Bertrand Russell faz uma sombria descrição de "todos os labôres das idades, tôda a dedicação, tôda a inspiração, todo o fulgor meridiano do gênio humano... destinados à extinção na vasta morte do sistema solar... tôda a realização do homem inevitavelmente sepultada sob os destroços de um universo em ruínas". E convida-nos a construir as nossas vidas "dentro do arcabouço dessas verdades... sôbre o firme fundamento de um inflexível desespêro"! *

*) E' interessante aqui notar que, em 1459, a Igreja Católica condenou como êrro grave o ensino de Zaninus de Solcia (que certamente nunca tinha ouvido falar da "lei da

E' difícil ver como podem ser de qualquer interesse prático para a presentes gerações de homens as especulações desses filósofos e cientistas acerca de um futuro que eles admitem estar milhões de anos distante de nós, e no qual, segundo eles, ao menos nós mesmos não teremos parte.

O que, entretanto, é de interesse imediato é a já mencionada sugestão de que os próprios homens podem acarretar o desastre final sobre este planeta, e sobre todo o gênero humano, pelo mau uso do seu conhecimento científico e pelo impacto, sobre a humanidade, das temidas bombas de hidrogênio e de cobalto. Isso poderia conceivelmente vir no próprio tempo da nossa vida, e somos constantemente avisados de podermos a qualquer tempo ser vítimas de uma radioatividade capaz de eliminar de vez o gênero humano inteiro.

UM ATO DE DEUS

Por certo, ninguém poderia negar que, se uma nova guerra acarretasse o uso de tais bombas em larga escala, milhões de seres humanos seriam destruídos. Mas será verdade que por tais meios a humanidade inteira pode ser exterminada e o fim do mundo como o conhecemos vir a ser desmentido? Proíbe-nos crê-lo a nossa religião cristã.

A Sagrada Escritura afirma clara e inequivocamente que o fim do mundo ocorrerá pela especial intervenção de Deus, acompanhado por circunstâncias inteiramente fora do controle dos seres humanos. O desfecho da

entropia") de que o calor do sol finalmente evaporaria toda a umidade e atmosfera desta terra, e depois elevaria em chamas tudo o que fosse combustível na superfície dela, derretendo as próprias rochas e levando este planeta a um fim pelo fogo. Por que razão qualquer desfecho meramente natural para a existência deste mundo é inaceitável para a Igreja, vê-lo-emos oportunamente.

história humana é pôsto diante de nós como um acontecimento divino, e não com um acontecimento meramente natural; desfecho que é misterioso por sua própria natureza. Assim, é-nos dito que “então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e então tôdas as tribos da terra chorarão; e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com grande poder e majestade. E êle enviará seus anjos ao som da trombeta e com grande voz; e êles reunirão os eleitos dêle dos quatro cantos do mundo” das mais longínquas partes dos céus aos seus confins mais remotos” (Mt 24, 30-31).

Ademais, S. João assim descreve uma visão a êle concedida: “Vi um novo céu e uma nova terra. Porque o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar agora já não existe. E eu, João, vi a cidade santa, a nova Jerusalém, descendo do céu de Deus” (Apoc 21, 1-2).

Seja qual fôr a maneira como essas passagens devam ser interpretadas, elas encaram um acontecimento tremendo e esmagador, originado não de dentro de quaisquer processos telúricos meramente naturais, mas inteiramente de fora do mundo. A pintura não é de algo que sai da caótica desgraça dêste mundo, mas sim do Homem-Deus, Cristo, vindo a êle outra vez. O fim da história humana não será efetuado por nenhuma obra do homem, mas sim por um ato de Deus, pela intervenção direta do próprio poder infinito de Deus.

Contra isto tem sido sugerido que o homem trouxe o mundo a um estado tão temível, que Deus lhe permitirá levá-lo a um fim pela sua própria má administração das descobertas científicas, vindo então Cristo na sua majestade e glória para julgar tanto os vivos como os mortos. Mas a ilação aqui é que os desastres temporais acarretados sôbre si mesmos pelos homens, desastres resultantes do seu mau uso da ciên-

cia, acarretarão o fim do mundo mais cedo do que Deus já determinara que êle ocorresse. E' impossível conciliar tal suposição com as palavras de Nosso Senhor, entre as últimas que êle proferiu imediatamente antes da sua ascensão ao céu: "Não vos compete saber os tempos e os momentos que o Pai reservou *ao seu poder*" (At 1, 7).

A decisão sôbre quando êste mundo findará fica com Deus; e os homens não serão capazes de lhe forçar a mão, compelindo-o, por assim dizer, a intervir com o Juízo Final antes de êle próprio haver decidido fazê-lo!

ENSINO CATÓLICO

Antes de prosseguirmos mais com êste assunto, será bom vermos bem onde é que nós católicos nos situamos.

A Igreja Católica crê e ensina exatamente aquilo que a Bíblia declara. Desde tempos memoriais todos os católicos recitam as palavras do Credo dos Apóstolos: "Subiu aos céus e está sentado à mão direita de Deus-Pai todo-poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos".

Portanto a Igreja Católica ensina a Segunda Vinda de Cristo não no sentido em que algumas pessoas equivocadas o pensam, isto é, a fim de Cristo viver neste mundo e fundar um reino na terra, mas sim no sentido de pôr êle fim ao drama da vida humana na terra, executando o juízo sôbre os bons e os maus, e adjudicando-lhes destinos eternos ou de felicidade ou de desdita, num estado que transcende completamente as condições dêste mundo. A vida humana na terra tal como a conhecemos cessará então de existir.

Por isto, Cristo nos disse: "Assim como o relâmpago sai do oriente e brilha até o ocidente, assim também será a vinda do Filho do homem... e tôdas as nações

serão reunidas diante dêle, e êle separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos... Então o rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino preparado para vós desde a fundação do mundo...”, e aos da esquerda: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que foi preparado para o demônio e seus anjos... e êstes irão para o castigo eterno; mas os justos para a vida eterna” (Mt 24, 27; 25, 32-46).

De tudo isto resulta claro que, assim como Cristo veio, a primeira vez, na humildade e na pobreza de Belém, para operar a nossa redenção, assim também virá certamente outra vez, mas já agora em tôda a sua majestade e glória, como Juiz de todo o gênero humano. Por todo o Novo Testamento corre a nota da expectativa desta Segunda Vinda. Ela é o fato central que resumirá e concluirá esta “Última Idade”, última idade que nós mesmos estamos agora vivendo.

As declarações de Cristo como registadas nos Evangelhos são confirmadas em todo o resto do Novo Testamento. Por ocasião da ascensão, os anjos asseguraram aos Apóstolos: “Êste Jesus que foi levado de vós para o céu virá como o vistes indo para o céu” (At 1, 11). Em tôda Missa, ou celebração da Ceia do Senhor, segundo S. Paulo nós “oferecemos a morte do Senhor *até que êle venha*” (1 Cor 11, 26). Aos Tessalonicenses S. Paulo escreveu: “Porquanto o próprio Senhor descerá do céu com mando, e com a voz de um arcanjo, e ao som da trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois, nós que estivermos vivos, que tivermos ficado, seremos elevados juntamente com êles às nuvens para nos encontrarmos com Cristo nos ares; e assim estaremos para sempre com o Senhor” (1 Tess 4, 15-16).

Repito, pois, seja qual fôr a interpretação dos detalhes dessas predições, é claro o fato de que deve ha-

ver um Segundo Advento de Cristo em tôda a sua majestade e glória para julgar os vivos e os mortos, tão certamente como foi uma realidade o seu Primeiro Advento por ocasião do seu nascimento em Belém. A nossa compreensão humana dêste mistério é, naturalmente, outro assunto; e, a isto é que se prende o resto dêste opúsculo.

“QUANDO SUCEDERÃO ESTAS COISAS?”

Doutrina tão tremenda como essa da volta de Cristo para pôr um fim a êste mundo e julgar os vivos e os mortos não poderia deixar de despertar profundo interesse entre os homens sôbre quando ocorrerá acontecimento de tão vital significação para a humanidade. Assim, achamos os próprios Apóstolos perguntando freqüentemente a Nosso Senhor: “Quando sucederão estas coisas?” (Lc 21, 7).

Todavia, Nosso Senhor invariavelmente recusou satisfazer-lhes a curiosidade, dando sômente aquilo que pode não incorretamente ser definido como respostas crípticas, excedendo a compreensão dêles. Uma coisa êle tornou clara; e foi que nós cristãos estamos vivendo no final das dispensações periódicas para o gênero humano. Houve o tempo de Lei de Deus não escrita, de Adão até Moisés; o tempo da Lei escrita e dos Profetas, de Moisés até Cristo; e agora estamos no tempo da Lei do Novo Testamento, desde Cristo até o fim do mundo.

Não é surpreendente que, em vista das predições de Nosso Senhor sôbre o fato da Segunda Vinda, e das suas constantes advertências de que estivéssemos vigilantes e preparados para ela, os primeiros cristãos houvessem desenvolvido a convicção de que ela teria lugar dentro do nosso próprio tempo de vida. Por isto S. Paulo sentiu-se impellido a escrever aos Tessalonicenses: “Rogo-vos, irmãos... não vos deixeis mover

do vosso sentir, nem fiqueis aterrorizados nem por espírito, nem por palavra, nem por epístola, como se o dia do Senhor estivesse próximo” (2 Tess 2, 2).

A despeito do aviso de S. Paulo, persistiu a convicção, fundamente plantada, da iminência do Juízo Final, de modo que, uns quinze anos mais tarde, S. Pedro sentiu a necessidade de responder à zombeteira acusação de que a esperança cristã falhara. Êle falou dos zombadores que desafiariam os cristãos dizendo: “Onde está a promessa dêle sôbre a sua vinda? Pois desde o tempo em que nossos pais dormiram, tôdas as coisas continuam como eram desde o começo do mundo”. Em resposta, êle frisou que “um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos são como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, como alguns imaginam, mas obra com paciência por amor de vós, não querendo que ninguém pereça, senão que todos se convertam à penitência. Mas o dia do Senhor virá como um ladrão” (2 Ped 3, 3-10).

Propositadamente Nosso Senhor manteve as suas profecias concernentes ao seu Segundo Advento obscuras em tudo exceto sôbre o fato de que êle seguramente ocorrerá. Declarou definidamente que não tinha intenção de nos dizer antecipadamente quando êle teria lugar. Disse expressamente que isso não fazia parte da revelação que êle fôra incumbido por seu Pai de dar à humanidade. “Êsse dia”, disse êle ao seus discípulos, “ninguém o conhece, nem os anjos do céu, senão só o Pai” (Mc 13, 32).

MISTÉRIOS PROFÉTICOS

Não deveria haver nada de surpreendente nisto para uma pessoa familiarizada com o modelo geral das profecias como referidas na Bíblia. As visões concedidas aos profetas do Antigo Testamento muitas vezes continham elementos mistos, sendo algumas das

predições dêles cumpridas dentro do seu próprio tempo de vida, e achando outras o seu cumprimento somente séculos depois de haver nascido em Belém o Messias prometido. Ademais, em quase tôda profecia há um misto de conceitos claros e de conceitos misteriosos, sendo bastantes vêzes o próprio profeta incapaz de dizer quais partes dos seus pronunciamentos se referem ao presente imediato e quais se referem aos anos futuros.

Os profetas proclamavam os planos de Deus apenas na medida em que Deus se dignava de lhes conceder um conhecimento dêles; planos que, do ponto de vista de Deus, de modo algum eram afetados pelo fator tempo, uma vez que na mente de Deus não há passado nem futuro. Por certo, o conhecimento de Nosso Senhor não era limitado como era o dos profetas de antigamente; mas a porção que era vontade de seu Pai que êle comunicasse à humanidade era limitada; e êle, o maior dos Profetas, não se apartou das normas características das profecias que Deus dera nas épocas precedentes. De qualquer modo, como vimos, êle tornou claro aos seus discípulos não ser intenção sua delinear antecipadamente para êles as minúcias exatas do futuro. Nem mesmo devia ser-lhes dado conhecer "os tempos e os momentos". Quando é que o fim do mundo deve vir, isto deve ser deixado a Deus.

Contudo, apesar dessa obscuridade intencional, em tôdas as épocas surgiram homens que procuraram calcular o tempo exato da Segunda Vinda de Cristo; e proclamaram que os sinais do fim conforme dados na Bíblia eram inteiramente claros para êles. E de modo algum ficaram descoroçados com o fracasso da quantidade de tais estimativas e predições nos séculos préteritos.

Desnecessário é dizer que nenhuma tentativa desta natureza achou jamais favor junto à Igreja Católica. A Bíblia não contém declaração específica sôbre quando o mundo findará, e a Igreja deixa isso como questão aberta. A sua atitude para com o católico que prefere crer o fim muito próximo é a mesma que para com aquêle que prefere crer que êle é improvável para as idades vindouras. Um católico pode sustentar sôbre o assunto qualquer opinião que lhe aprouver, contanto que não se declare certo nisso e não se empenhe em ensino público sôbre isso.

Aos católicos é ministrada a doutrina de que o fim virá quando Deus quiser, e de que ao homem não é dado saber precisamente quando isso será. Ninguém pode ter certeza absoluta nesta matéria, porquanto a Escritura positivamente assevera que só Deus sabe quando pretende levar ao seu desfecho o drama inteiro da vida neste mundo.

CONJECTURAS FÚTEIS

Não deveríamos ser deslembrados das lições da história. E uma das mais impressionantes dessas lições ocorreu há quase um milênio.

Quando se aproximou o ano 1.000 A. D., houve uma difundida convicção popular de que êle introduziria o fim de tôdas as coisas. A gente crédula viu todos os sinais preditos, como ela pensava, verificados diante dos olhos. Declarava que o espírito de fé quase atingira o nível mais baixo possível na Cristandade inteira. Guerras e rumores de guerra eram a ordem do dia. A corrupção florescia nos altos lugares, tanto na Igreja como no Estado. O mundo parecia-lhes realmente maduro para o juízo de Deus.

O povo ficou aterrorizado. Muitos abandonavam aquilo que consideravam como as suas propriedades

já agora inúteis, e davam-se à penitência e à oração. Os criminosos desfaziam-se das suas posses mal adquiridas, em tôda sorte de obras de caridade, inscrevendo nos seus atos de doação estas palavras significativas: “Estando às portas o fim do mundo”. Mas o próprio Papa, Silvestre II, nem por um momento partilhou as sombrias antecipações do fim de todos os negócios humanos. Eleito no ano 999 A. D., êle trouxe ao Sólido Pontifício uma sabedoria e erudição superior à de quase qualquer outro homem na Europa daquele tempo, juntamente com uma profunda piedade e santidade de vida. E iniciou a sua obra construtiva para a Igreja e para a Cristandade como se, até onde êle mesmo fôsse interessado, a dissolução de tôdas as coisas estivesse tão remota como poderia estar.

Vivesse ainda hoje o Papa Silvestre II, e certamente adotaria essa mesma atitude. Não há boas razões para supor que o fim do mundo esteja, em qualquer medida, mais *particularmente* iminente nos nossos tempos do que nos dêle. As indicações, na Escritura, de tudo o que deve transpirar antes que o cataclismo final arrase êste universo (seja qual fôr a natureza dêsse cataclismo) parecem ainda longe de ter o seu cumprimento.

De fato, por tudo o que sabemos, a Igreja Católica ainda pode estar na infância. não é impossível que, dentro em dez mil anos, à gente então vivente, nós pareçamos os “primitivos cristãos” tanto como o parecem a nós aquêles a quem chamamos os “cristãos primitivos”. Pode ser que então os homens lancem um olhar retrospectivo sôbre os 2.000 anos da história da Igreja dos quais temos conhecimento, justamente como nós olhamos retrospectivamente para os três ou quatro primeiros séculos, nós que achamos tão difícil imaginar que entre S. Paulo e Santo Agostinho haja decorrido

um período tão longo como o decorrido entre os reformadores protestantes do século XVI e o presente dia!

Afinal de contas, a humanidade tem estado nesta terra sempre mais tempo do que estêve num tempo crido. A geologia mostra que nossos primeiros pais devem ter vivido, não quatro mil, porém uns duzentos mil anos antes do Primeiro Advento de Cristo. Não desarrazoadamente poder-se-ia arguir que Deus não concederia à humanidade, sem as bênçãos da revelação que seu Eterno Filho trouxe a êste mundo, período mais longo do que concederia à humanidade depois da vinda de Nosso Senhor. O Verbo feito carne, Jesus Cristo, é o centro da história; e pode haver tanto de história depois dêle como antes dêle.

Isto, naturalmente, é pura especulação. Contra isso poderia ser aventado o fato de que a posição central de Cristo na história deve ser medida pela sua importância, e não por qualquer simples duração de tempo; enquanto que a aumentada multidão dos sêres humanos, devida ao crescimento da população durante períodos menores e comparativamente recentes, podem mais do que contrabalançar as idades muito mais longas que remotam até Adão através de um mundo mais esparsamente povoado.

A verdade é que nós simplesmente não sabemos quais são os intuitos de Deus nesta matéria; e os que pretendem sabê-los não têm o mais leve dos fundamentos para as suas superconfiantes opiniões.

SINAIS DO FIM

Embora a Bíblia em parte alguma nos diga justamente quando será que provàvelmente terá lugar o fim do mundo, achamos nas suas páginas um relato de vários "sinais" que ao menos *precederão* êsse grande acontecimento. No tocante a êstes, entretanto, devemos

ser particularmente cuidadosos. Embora os católicos sejam obrigados a crer tudo quanto foi revelado na Sagrada Escritura de acôrdo com o sentido que o próprio Deus pretendeu que isso tivesse, daí não se segue, entretanto, que o exato sentido de cada passagem particular seja imediatamente claro para nós. E nem a Igreja Católica deu quaisquer definições expressas quanto ao sentido de quaisquer partes da Bíblia ligadas ao assunto.

A nós é, pois, deixado fazer o que pudermos dos escritos divinamente inspirados, ou ao menos somos deixados às opiniões de sábios e teólogos que fizeram um estudo especial do assunto. A média dos leitores da Escritura certamente não é competente para achar o seu caminho através do amontoado de intrincadas e obscuras profecias referentes à consumação de tôdas as coisas, e seria loucura da parte dela querer ignorar interpretações propostas por peritos em estudos bíblicos. Muitíssimas vêzes, palavras e sentenças que à primeira vista parecem simplesmente quadrar com as idéias preconcebidas de alguém podem não ter significação nenhuma da espécie imaginada.

Uma boa alma calculou que o fim do mundo devia estar às portas durante os seus próprios dias, porque o profeta Daniel dissera: "Muitos correrão para lá e para cá, e o saber será aumentado" (Dan 12, 4). O mundo hoje não é um louco vaivém de gente para cá e para lá, gente viajando para aqui e para ali em trens e navios, em automóveis e em aeroplanos? E o saber não tem sido aumentado, particularmente no campo da física nuclear, até à invenção das bombas atômicas e de hidrogênio, verdadeiros meios de destruição universal? Certamente devemos estar agora no fim dos tempos!

Mas ai dessa engenhosa aplicação da suposta predição de Daniel! Porquanto êle se referia sòmente à

leitura dos seus escritos por leitores pósteros. De modo algum se referia a viajar por êste mundo, ou a progresso em "conhecimento científico". Queria êle simplesmente dizer que muitos homens correriam mais tarde através de tudo o que êle havia escrito, examinando-o para trás e para adiante, estudando e explorando o seu livro, e assim granjeando da revelação divina um conhecimento ampliado do modo como a história humana está sempre sob o contrôle da providência de Deus e contribuindo para o cumprimento dos seus desígnios. De forma alguma, portanto, pode êsse texto particular ser adaptado ao problema de quando virá o fim do mundo. E o mesmo se dá com muitos outros textos cortados do seu contexto, citados sem nenhuma atenção para o seu sentido real e sem consideração com ensinamentos dados em outras partes na Sagrada Escritura.

ENSINAMENTO DA SAGRADA ESCRITURA

Todavia, podemos legitimamente investigar (rejeitando tôdas essas espúrias citações da Escritura) quais os sinais que podem ser considerados como verdadeiras predições bíblicas da aproximação do fim do mundo. Entretanto, mesmo aqui, a resposta à questão, formulada precisamente dessa forma, é que não há nenhum. Em parte alguma nos é dito que o fim está realmente perto, às portas. Quando muito, a Sagrada Escritura nos assegura que êle não virá enquanto certos acontecimentos não houverem primeiramente ocorrido.

De primeira significação é a declaração de Nosso Senhor: "Êste evangelho do reino será pregado no mundo inteiro, em testemunho a tôdas as nações; e então virá a consumação" (Mt 24, 14). Não nos é dito que tôdas as nações serão convertidas. Mas ao menos a religião cristã terá sido feita conhecer em tôda par-

te e a todos os povos, antes de poder o Segundo Advento ser esperado.

Em segundo lugar, e infelizmente, uma grande apostasia ou defecção de multidões que professam a fé cristã precederá o fim. Porquanto o "Anticristo" aparecerá, e muitos desertarão a religião cristã para se juntarem a êle nos seus esforços para destruí-la. S. Paulo advertiu os Tessalonicenses de não serem estar à mão o dia do Senhor, insistindo em que deve "vir antes uma revolta, e o homem do pecado ser revelado, o filho de perdição" (2 Tess 2, 3). De certo, era com êste fato em mente que Nosso Senhor dizia pensativamente: "O Filho do homem, quando vier, pensais que achará fé sôbre a terra?" (Lc 18, 8). Naturalmente, a sua pergunta retórica não queria dizer que a fé será completamente inexistente. Por certo muitos cristãos terão permanecido fiéis, e a êles se terá provávelmente juntado a maioria do povo judeu sobrevivente. Porquanto a Escritura prediz a volta tanto de Elias como de Enoc como precursores da Segunda Vinda de Cristo, e diz que êles serão bem sucedidos em converter a Cristo a maioria do outrora povo escolhido de Deus.

Assim, o profeta Malaquias escreveu: "Eis que vos enviarei o profeta Elias antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor" (Mal 4, 5). E o Eclesiástico nos diz: "Enoc agradou a Deus e foi trasladado ao paraíso, para que possa dar arrependimento às nações" (Ecle 44, 16). Que os Judeus, como povo, corresponderão à graça de Deus, isto é declarado por S. Paulo, que escreve dêles: "Não quero, irmãos, que ignoreis êste mistério...: O endurecimento veio a uma parte de Israel, até que entrasse a plenitude das nações; e então todo Israel será salvo, consoante está escrito: Virá de Sião o Libertador, para afastar de Jacob as impiedades. E esta será a minha aliança

com êles, quando eu apagar os seus pecados” (Rom 11, 25-27).

Há quem creia que antes do fim os Judeus se juntarão outra vez fora de tôdas as nações no meio das quais se espalharam, e terão restaurada para si a terra prometida outrora possuída pelos seus antepassados. Em favor desta opinião êles citam predições do Antigo Testamento, tais como aquela de Isaías: “Êle (Deus) reunirá os fugitivos de Israel, e congregará juntos os dispersos de Judá, dos quatro cantos da terra” (Is 11, 12). Mas, onde os Judeus Sionistas dão a essas passagens uma interpretação política, muito provável é uma interpretação espiritual. Esta não excluiria o retôrno real de uma porção representativa dos Judeus à Terra Santa; mas de preferência visa a um retôrno do povo judeu, por tôda parte, ao verdadeiro “Israel”, o rebanho de que Cristo é o Pastor, a quem êles deveriam ter reconhecido como o seu Messias predito. O moderno movimento sionista, que é mais político do que religioso, não deveria, portanto, ser considerado como sendo o cumprimento da profecia de Isaías, nem como tendo significado como um dos sinais que atraem a nossa atenção para o fim da história humana.

Em tôdas estas coisas não nos é dada idéia de quanto durará o processo em cada caso. Ao cabo de dois mil anos, existem uns 700 milhões de cristãos professos numa população mundial de mais de 2.000 milhões de pessoas. Ainda há milhões aos quais o evangelho ainda não foi pregado; e quantos milhares de anos deverão ainda decorrer antes de se poder verdadeiramente dizer que o evangelho foi pregado “no mundo inteiro” e “a tôdas as nações”, isto não o sabemos. Repito, não sabemos quanto tempo levará a passagem gradual de cristãos professos para a grande apostasia; nem por que número de anos ou de séculos o reino de Cristo, seguinte à restauração de Israel após os

tempos dos gentios, continuará no mundo antes de ser aplicado por Deus o encerramento às condições de vida como as conhecemos.

Por outras palavras, enquanto que os sinais mencionados *precederão* o Último Dia, não nos é dito que o precederão *imediatamente*. Não nos é dito quando, ou como, ou a que intervalos, alguns ou todos êles ocorrerão. O único sinal imediato mencionado na Sagrada Escritura é o da visão real do Filho do homem vindo nas nuvens do céu com grande poder e majestade; e esta Segunda Vinda de Cristo será súbita e inesperada, acompanhada por distúrbios cósmicos imensos, sobrenaturalmente causados, e muito misteriosos, alterando o aspecto inteiro dos céus e da terra; alteração que será simultâneamente uma destruição e uma renovação, uma renovação e restauração da criação de Deus na sua integridade além de tudo o que ao homem é dado conceber.

O "ANTICRISTO"

A predição de que o "Anticristo" aparecerá antes do fim tem sido uma fonte de grande interêsse e curiosidade no correr dos séculos. Em geral, o próprio nome sugere alguém que nega ou que é oposto a Cristo; mas, em particular, o têrmo muitas vêzes tem sido entendido como se referindo a algum grande antagonista individual que causará imenso mal no mundo inteiro, mas que será derrotado por Cristo quando êste voltar para julgar a humanidade.

Nas suas epístolas, S. João é o único escritor bíblico a usar a palavra real "Anticristo". Nos evangelhos, Nosso Senhor é achado como tendo aludido duas vêzes ao assunto do "Anticristo", primeiro, quando disse: "Levantar-se-ão falsos Cristos e falsos profetas, e mostrarão grandes sinais e maravilhas, de modo a desviar, se possível fôra, até mesmo os eleitos" (Mt 24,

15); e, segundo, nas palavras: “Vim em nome de meu Pai, e não me recebestes: se outro vier em seu próprio nome, êsse o recebereis” (Jo 5, 43). S. Paulo, como vimos, falou do “Anticristo” sem nomeá-lo expressamente, nas suas referências ao “homem de pecado” e “filho de perdição”.

Se o “Anticristo” deve configurar algum indivíduo definido, ou se deve ser tomado como uma referência simbólica a quaisquer fôrças operantes em qualquer tempo contra a causa de Cristo, não é certo. Ambas as opiniões têm sido sustentadas lado a lado na Igreja desde os mais antigos tempos. O próprio S. João, embora deixe lugar para um principal opositor como sugerido pela referência de S. Paulo ao “homem de pecado”, parece muito mais fazer idéia do “Anticristo” como o espírito do mal, a personificação de tôdas as fôrças hostis a Cristo através de todos os tempos. Êle nos diz que o “Anticristo” está sempre presente e em obra nas pessoas dos que negam Cristo: “Mesmo agora”, escreve êle, “têm sobrevivendo muitos Anticristos” (1 Jo 2, 18). O Anticristo está especialmente manifesto naqueles que uma vez creram em Cristo e depois apostataram da religião cristã.

Através de tôdas as épocas as fôrças da irreligião têm combatido contra Cristo e a sua Igreja. Reis e imperadores, políticos e filósofos, tiranos e fanáticos têm sucessivamente surgido através da história. Em cada época a luta é renovada. Certos elementos no Fascismo, no Nazismo e no Comunismo poderiam ser razoavelmente interpretados como manifestações do espírito do “Anticristo” operando na nossa era. Essas más atividades continuando por vinte séculos dificilmente podem ser descritas como a obra de “um só homem”. Nem pode o “homem de pecado” ser identificado com o próprio Satanás, porque o “homem de pecado” é descrito como recebendo o seu poder de Sa-

tanás. Ademais, o próprio' Nosso Senhor falou, não de um "Anticristo", mas de muitos "falsos Cristos".

Portanto, se, quando a história do mundo houver atingido o seu clímax, o "Anticristo" deve aparecer como um indivíduo particular e como uma personalidade diabólica, ou se não deve ser entendido mais do que como uma referência a vários sistemas de paganismo em filosofia e em pensamento, e a diferentes formas anticristãs de govêrno operando no curso dos séculos, isto não pode ser determinado com nenhuma certeza. A Igreja Católica deixa os eruditos da Escritura e os teólogos livres de sustentarem o que pensam ser mais verossímil, desde que observem as leis normais necessárias para uma sã exegese. Se alguém quisesse oferecer uma interpretação fantasista colidente com outras partes da Escritura ou com o ensino definido da Igreja sôbre outras matérias, a sua interpretação seria condenada. À parte isto, pode-se sustentar o que se julgar garantido por sólidos argumentos.

HARMAGEDON

Na Apocalipse, ou Livro da Revelação, 16, 13-16, temos na famosa batalha de Harmagedon, aquilo que parece ser uma descrição do conflito final entre Cristo e o "Anticristo".

Ali escreve S. João: "Vi saírem da bôca do dragão, e da bôca da bêsta, e da bôca do falso profeta, três espíritos imundos, quais rãs. Porque êles são os espíritos dos demônios operando prodígios; e êles vão ter com os reis da terra inteira, para os aliciar a combaterem contra o grande dia de Deus Onipotente... E êle os congregará num lugar que em hebraico é chamado Harmagedon".

O trecho ôbviamente é simbólico, refletindo a sua imaginária grandemente o que está contido em Ezequiel, capítulos 38 e 39, e sendo o seu conteúdo ba-

seado na derrota real dos reis de Canaã no Monte de Megiddo (Har-Magedon) descrita em Juízes 5, 19; como também, possivelmente, no assalto visionário ao Monte Santo de Deus referido em Isaías, 14, 12-15.

Protestantes da velha moda tinham o hábito de interpretar Harmagedon ao pé da letra, pensando dêle como de uma real batalha que terminaria na matança de todos os inimigos de Deus, entre os quais êles colocavam como principal o Papado! Mas não há um só erudito da Escritura, de qualquer condição, hoje em dia, que endosse opinião tão fantástica.

A palavra "Harmagedon", como já indicado, vem do hebraico "Har-Magedon", ou Monte Megiddo. O Monte Megiddo é um elevado planalto na Palestina sito na estrada Norte-Sul entre a Mesopotâmia e o Egito, e sôbre o qual muitas grandes batalhas foram travadas nos antigos tempos. A referência de S. João a êle é simbólica, predizendo que, tal como muitas batalhas foram travadas para uma decisão no Monte Megiddo, assim também, no fim, Cristo triunfará de todos os seus inimigos.

Primariamente S. João tinha em mente a próxima queda dos Imperadores Romanos pagãos, então empenhados na feroz perseguição aos cristãos; mas não pode haver dúvida de que a visão dêle olhava a muito além disso, mesmo até o fim dos tempos, quando a luta espiritual total entre o bem e o mal neste mundo atingirá o seu clímax, terminando num grande conflito final entre o "Anticristo" (as forças do pecado e da maldade) e Cristo, ficando com êste último a vitória final. A Segunda Vinda de Cristo para julgar os vivos e os mortos será portanto um "Harmagedon", um acontecimento decisivo resultante no derrubamento final de tôdas as forças do mal em obra no seio da humanidade.

O CATACLISMO FINAL

S. Marcos relata que Cristo, falando do Último Dia, disse que “naqueles dias, depois daquela tribulação, o sol se escurecerá, e a luz não dará a sua luz. E as estrêlas cairão do céu, e as potências que estão no céu se comoverão. E então verão o Filho do homem vindo nas nuvens com grande poder e glória” (Mc 13, 24-26).

Sem dúvida, a sugestão é a de um grande abalo e sofrimento. Mas, sem dúvida também, a linguagem usada é apocalíptica e metafórica, devendo ser entendida não literalmente, histórica e astronômicamente, mas como descritiva de um tremendo mistério comunicado a nós em representações vivas que põem diante de nós uma realidade transcendente em forma adaptada aos nossos limitados poderes de compreensão.

Os cientistas, como mais atrás foi dito, não dando atenção à revelação divina, não vêem fim do mundo em nenhum mistério, mas predizem uma completa e natural dissipação da energia cósmica, com todo o calor igualmente distribuído pelo espaço, e com tudo voltando ao vácuo primitivo. Futuro tal para o nosso universo nenhum cristão pode aceitar.

Haverá uma Segunda Vinda de Cristo que introduzirá, não num Israel material, porém num reino espiritual de Deus, restaurado. Haverá uma transformação de tôdas as coisas em verdadeira escala cósmica, na qual não só o homem, mas o universo material inteiro, será transfigurado e glorificado, sendo um dos seus característicos o grande ato da ressurreição de todo o gênero humano. Todo os sêres humanos que já viveram serão ressuscitados dos mortos, sendo os seus corpos, misteriosamente transformados, reunidos às suas almas.

Então Deus, consoante S. Paulo, tornará conhecido a nós “o mistério da sua vontade, segundo o seu be-

neplácito... de, na dispensação da plenitude dos tempos, restaurar em Cristo tôdas as coisas que estão no céu e na terra... para servirmos de louvor à sua glória, nós que antes esperamos em Cristo" (Ef 1, 9-12). Assim chegaremos ao mistério último, inteiramente fora do âmbito de qualquer das nossas experiências naturais, o mistério da nossa incorporação e glorificação no Corpo Místico de Cristo, derivando a felicidade essencial de todos da Visão Beatífica da Eterna e Santíssima Trindade.

JUÍZO FINAL

Entretanto, a Sagrada Escritura em parte nenhuma nos assegura que todos sem exceção alcançarão a felicidade eterna. De fato, ela afirma claramente que os seres humanos depararão com um de dois destinos eternos, ou de felicidade ou de desdita, conforme cada um estiver em estado de bondade ou de maldade aos olhos de Deus no dia do Juízo Final.

Em certo sentido, êsse Juízo Final já está sendo exercido. As palavras de S. João: "Esta é a última hora" (1 Jo 2, 18) tornaram-se aplicáveis ao mundo desde o momento do Primeiro Advento de Cristo pelo seu nascimento em Belém. Falando da sua presença entre os homens, o próprio Cristo disse: "Agora é o juízo do mundo" (Jo 16, 8). Estas fases, juntamente com a própria vinda de Cristo sôbre as nuvens do céu no fim dos tempos, tudo isso constitui elementos do único juízo.

Cristo julgou e condenou o mundo desde o momento em que começou a sua vida na terra. Escolheu normas opostas às do mundo, e ensinou princípios que o mundo recusou aceitar. E, assim como Cristo julgou e condenou o mundo, assim também o mundo julgou e condenou Cristo — e fê-lo morrer. E o mesmo faria hoje.

Até mesmo a "civilização cristã", na medida em

que tem abandonado os princípios de Cristo, incide sob o juízo e condenação dêle. Partindo de uma barbárie incivilizada, os cristãos construíram uma civilização que rapidamente vai cessando de ser cristã e derivando para aquilo que poderia ser chamado barbaria civilizada. Os Governos hoje em dia são baseados em princípios puramente seculares que não podem ser harmonizados com os princípios de Cristo. A educação é secular, e a vida social em geral é secular e baseada somente em princípios mundanos. Para se ser cristãos, deve-se ir de encontro ao espírito dominante até mesmo da nossa chamada "civilização cristã".

Cristo nos adverte de que temos de escolher entre êle e o mundo — advertência tão aplicável hoje como em qualquer outra época. Diz-nos que estejamos no mundo, mas não sejamos do mundo; que não devemos amar o mundo; e que devemos esperar que o mundo nos odeie e nos persiga como odiou e perseguiu a êle mesmo. Tão opostos são os princípios de Cristo e os princípios do mundo, que cada um dêles é o julgamento e a condenação do outro.

Mas êste contínuo julgamento do mal através da história culminará na final justificação de Cristo quando êle vier de novo para julgar os vivos e os mortos pública e manifestamente perante tôda a humanidade, sendo as sentenças alternativas, para usar as suas próprias palavras, ou: "Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino preparado para vós desde a fundação do mundo", ou: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno que foi preparado para o demônio e seus anjos" (Mt 25, 34, 41).

E QUE E' DO MILÊNIO?

O destino eterno a seguir-se à Segunda Vinda de Cristo e ao Juízo Final será, portanto, inteiramente fora das condições terrenas. Não haverá reino mile-

nar de Cristo, com seus Santos glorificados, sôbre o mundo inteiro por mil anos, como loucamente tanta gente tem imaginado.

Essa crença foi baseada nas palavras de S. João no Apocalipse: "Bem-aventurado e santo aquêlo que tem parte na primeira ressurreição. Nestes a segunda morte não tem poder; mas êles serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com êle por mil anos" (Apoc 20, 6).

A própria palavra "Milênio" não ocorre na Bíblia. E' uma palavra latina que significa "mil anos". Uma interpretação literal dêsses "mil anos", entretanto, está inteiramente fora de harmonia com o caráter inteiro do Apocalipse. Quase desde a primeira página até à última, êsse livro é escrito num estilo que pretende claramente ser simbólico e não deve ser tomado literalmente. O número "mil" foi ideado como mera expressão geral significando um período indefinidamente longo. Ensinar um milênio literal, como fizeram os Anabatistas na Alemanha durante o período de Reforma protestante, e como fazem modernas seitas protestantes tais como os Adventistas do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová e outros, é ir contra a voz da Igreja de tôdas as épocas, e apoiar numa só passagem isolada no Apocalipse uma doutrina oposta ao ensino global da Bíblia.

A Sagrada Escritura ensina que a Segunda Vinda de Cristo introduzirá, não uma idade de ouro na terra, mas o fim da história humana neste mundo. Ela não figura a Igreja como gozando um agradável intervalo de liberdade das provações por qualquer período de mil anos, mas como sofrendo até o fim dos tempos.

Na sua grande obra "A Cidade de Deus", escrita no século quarto, Santo Agostinho refutou aquêles que tomavam ao pé da letra as palavras de S. João, e deu a verdadeira explicação do "Milênio". Declarou que

os “mil anos” tinham valor meramente simbólico, representando o intervalo inteiro desde o nascimento de Cristo neste mundo até o final dos tempos. O Primeiro Advento de Cristo trouxe consigo uma graça mais do que suficiente para baldar e derrotar a obra de Satanás, que assim está “atado por mil anos”. O “Milênio” representa portanto o curso inteiro da existência da Igreja Católica como o reino de Deus na terra; e êsse é o único reino milenar de Cristo que S. João teve em mente. A despeito de qualquer aparência em contrário, os planos de Deus estão sendo cumpridos, e a vontade de Cristo está sendo realmente levada a têrmo.

Através da era cristã Satanás já está derrotado nas almas daqueles sôbre os quais Cristo reina espiritualmente, e que o entronizaram nas suas vidas como seu Salvador, Senhor e Rei. E o demônio está atado, no sentido de que o seu poder sôbre as almas está restringido pela influência de Cristo, cuja graça habilita os fiéis a resistir a tôdas as tentações dêle. Todos os que têm tornado as suas vontades uma só com a vontade de Cristo, e que o amam e vivem para êle, êstes reinam sôbre a terra como êle reina.

E não sômente Cristo reina nas almas individuais. Através dêste período êle reina também no mundo por meio do seu reino visível, embora espiritual, a Igreja Católica, à qual as almas que a êle pertencem individualmente devem pertencer coletivamente.

Na sua perfeição final, por certo o Reino de Deus só será realizado no céu. Aqui na terra, é nosso dever preparar-nos para participar dêsse Reino Eterno. Porém, mesmo agora, podemos tornar-nos membros dêle antecipadamente, pela nossa submissão individual aos reclamos de Cristo, e tornando-nos membros da sua Igreja visivelmente organizada neste mundo — a

Igreja que êle próprio descreveu como o seu reino, e que existe até o dia de hoje como sendo a Igreja Católica.

“ESTA GERAÇÃO”

Após descrever os acontecimentos que devem preceder o fim do mundo, Cristo disse: “Amen, digo-vos, não passará esta geração até que tôdas estas coisas sejam cumpridas” (Lc 21, 32). Estas palavras têm sido muito mal entendidas. Os incrédulos, naturalmente, têm-se agarrado a elas, não se importando de ir além do seu valor nominal, a fim de sugerirem que Cristo se enganou completamente, e portanto não podia ter sido Deus. Mas isso é puro simplicismo. A própria inteligência dêles deveria tê-los impellido a olhar mais fundamentalmente a questão.

A palavra “geração” pode ter diversos significados, e não podemos dizer que ela tem necessariamente um dêles de preferência a outro sem prestarmos estrita atenção ao contexto em que ela ocorre. Podemos falar da “geração humana”, referindo-nos à raça humana inteira. Ou podemos falar da “geração de cristãos” como oposta às gerações anteriores à vinda de Cristo. Ou, ainda, podemos entender a palavra “geração” como se referindo ao povo de uma época ou período particular, a um estágio particular na descendência humana. Qualquer um dêstes sentidos seria um sentido legal da palavra, e a nós compete achar o sentido que se harmoniza com aquilo que já é certo por outras passagens da Sagrada Escritura.

Na realidade, quando Nosso Senhor falou, referiu-se à geração cristã como oposta às gerações precedentes que tinham vivido sob fases mais antigas da divina revelação. Dispensações anteriores, ou da lei não-escrita, desde Adão até Moisés, ou da lei escrita, desde Moisés até Cristo, haviam preparado o cami-

nho para a revelação que o próprio Nosso Senhor deu à humanidade. Tudo o que Cristo ensinou constitui a revelação final de Deus. A geração cristã, possuindo essa revelação, durará até o fim dos tempos, testemunhando o cumprimento de tudo o que está para acontecer entre o tempo em que Cristo viveu e ensinou, e o real encerramento da história humana. A dispensação cristã é última, e não haverá outra.

Pode ser dito que, se não devemos saber quando terá lugar o Juízo Final, nenhum objetivo prático foi servido com mencioná-lo. Mas não é verdade. A revelação divina ao menos nos provê da certeza de que o processo de redenção que começou no tempo em que uma criança nasceu para nós em Belém terá verossimilmente fim no tempo. Portanto, nós cristãos confiantemente proclamamos que Cristo virá outra vez, em tôda a sua majestade e glória, para julgar os vivos e os mortos.

PERSPECTIVA CRISTÃ

Na prática, satisfeitos com o conhecimento dêsse fato, nós não permitimos se tornem uma obsessão as especulações sôbre o tempo em que virá o fim. Mas damo-nos conta de que devemos viver à luz dêle. O próprio Cristo, declarando que não tinha nenhuma intenção de predizer o dia e a hora em que ocorreria o clímax final da história humana, preveniu-nos de que, uma vez que êle poderia vir a qualquer tempo, e virá inesperadamente quando vier, a única coisa sensível a fazer era estarmos prontos todo o tempo.

A nota principal de todos os pronunciamentos de Nosso Senhor sôbre êste assunto está nestas palavras: "Bem-aventurados os servos que o Senhor, quando vier, achar vigilantes... porquanto, à hora em que não pensardes, o Filho do homem virá" (Lc 12, 37-40).

Isto é tão verdadeiro do chamado que Cristo nos faz individualmente para o nosso juízo na morte, como o é da vinda final d'Ele para julgar toda a humanidade. O cristão deve estar vigilante a todo momento, esperando a cada estágio do seu caminho ser chamado a se encontrar com Cristo. Determinarmo-nos estar sempre de prontidão para o término das nossas vidas neste mundo é uma salutar atitude mental. Atitude mental salutar não é o deixarmo-nos tornar obsessos por fúteis especulações sobre quando o próprio fim do mundo ocorrerá, procurando elaborar previsões completamente fantasistas e sem fundamento, tiradas de um amontoado de textos da Escritura mal entendidos ou deliberadamente mal interpretados.

A única coisa necessária é fazermos o melhor da nossa parte para servirmos a Deus, conservando-nos na sua graça, amor e amizade. Se tal fizermos, o sabermos se o fim do mundo vem mais cedo ou vem mais tarde, ou se para nós mesmos individualmente ou se para o mundo todo, isto tudo não será de grande importância prática para nós; exceto, naturalmente, quando Ele vier para o mundo todo, por causa da grande felicidade que então experimentaremos testemunhando a verificação da nossa profissão de fé durante a vida inteira, posta nos nossos lábios pelo Credo dos Apóstolos, a saber: que o mundo em que Nosso Senhor nasceu, viveu, sofreu e morreu para a nossa redenção, e do qual gloriosamente ascendeu, não foi esquecido por Ele no céu, "de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos".

Então veremos, como nunca antes, a plena significação do resto da nossa declaração de fé: "Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos, na Remissão dos pecados, na Ressurreição da carne e na Vida eterna. Amém".

VOZES EM DEFESA DA FÉ

O Secretariado Nacional de Defesa da Fé resolveu ampliar a conhecida série de 8 cadernos "Contra a Heresia Espírita" sob o novo título geral de "Vozes em Defesa da Fé". Já estão no prelo e sairão próximamente os seguintes cadernos:

9. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento
10. O Rosacruzianismo no Brasil
11. As Sociedades Teosóficas
12. Martinho Lutero
13. A Reforma Luterana
14. Os Presbiterianos
15. Os Congregacionalistas
16. Os episcopalianos
17. Os Batistas
18. Os Metodistas
19. Os Adventistas
20. O Exército da Salvação
21. A Associação Cristã de Moços
22. As Testemunhas de Jeová
23. "Assembléias de Deus" e outras "Igrejas Pentecostais"
24. Os Mormons ou Santos dos últimos Dias
25. A "Ciência Cristã"
26. Os Católicos e o Rearmamento Moral
27. A Teoria de "A Bíblia sòmente"
28. A Teoria da "Justificação pela Fé sòmente"
29. Só os Católicos se salvam?
30. Cristo voltará em breve?
31. A Imortalidade da Alma
32. Cristo é realmente Deus?
33. A Inquisição
34. Nossas Superstições
35. Astrologia, Quiromancia e Quejandos

Na mesma coleção seguirão ainda dezenas de outros títulos,
já em preparo

Publicações do Secretariado Nacional de Defesa da Fé,
na Editôra Vozes.

Pedidos à EDITORA VOZES LIMITADA
Caixa Postal 23, Petrópolis, Estado do Rio